

REFLEXÕES BAKHTINIANAS DE DISCURSOS VALORATIVOS NO *FACEBOOK*, SOBRE O USO DO UNIFORME ESCOLAR

José Luiz de Souza Santos

RESUMO

Neste estudo apresento algumas reflexões de discursos axiológicos sobre o uso do uniforme escolar que se enunciaram na rede social Facebook. A materialidade em questão foi analisada pela perspectiva bakhtiniana e teve como foco apreender como se dão as relações dialógicas a partir de duas esferas de discursos, a Esfera Escolar e a Esfera Virtual. Discuto sobre a relação entre essas duas esferas e aponto algumas percepções sobre o uniforme escolar como mobilizador das tensões e do embate instalado na virtualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin, Discursos, Uniforme Escolar, Facebook

APRESENTAÇÃO

Este texto integra uma série de discussões e apontamentos que tem como embasamento a Análise Dialógica do Discurso ou ADD, que tem nos estudos de Bakhtin e o Círculo seu principal apoio teórico-metodológico.

O objetivo é apresentar reflexões a respeito de discursos sobre a utilização do uniforme escolar em uma escola estadual da região metropolitana de Curitiba/PR enunciados no site, rede social e aplicativo de *Smartphones* (telefones inteligentes), *tablet's* e celulares, o *Facebook*¹. Este, na perspectiva aqui abordada é carregado de possibilidades dialógicas e de materialidades discursivas, que por vezes são tensas e conflituosas, como no caso aqui apresentado. Um enunciado axiologicamente constituído, publicado por uma educadora, que trata do uso do uniforme escolar, que por conta de contestações, gerou polêmica e estabeleceu um debate na rede. Neste sentido, será apresentado através de um *Print Screen* (captura de tela) um recorte do enunciado que será analisado como materialidade discursiva.

O Facebook é contemplado na esfera virtual e como campo de utilização da língua, implica a existência de comunicações e interações a partir de uma realidade concreta, ou seja, apresenta-se como uma esfera de discurso, que na perspectiva bakhtiniana é dotado de sentidos e interlocuções entre sujeitos. Bakhtin (2003) nos fala que “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados”. E completa dizendo que

¹ O Facebook é um site, uma rede social e também um aplicativo de SmartPhones, celulares, etc., onde seus usuários podem criar perfis pessoais, empresariais, entre outros, e adicionar outros usuários. Ele permite que pessoas de 13 anos em diante se registrem e utilizem suas possibilidades comunicativas.

são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e (...) em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. (BAKHTIN, 2003, p. 262)

Neste sentido, dentre alguns aspectos a ser destacados, a esfera escolar mostra-se como um espaço ativamente humano, que abarca uma heterogeneidade sociocultural que faz das relações dialógicas refletidas em seu campo, possibilidades para manifestações discursivas de seu cotidiano. As questões aqui apresentadas assemelham-se a uma conjuntura política pedagógica instituída há anos no Brasil e dialoga com um modelo tradicionalista de escola. Em contrapartida, um discurso presente na materialidade analisada é controverso ao texto publicado pela educadora.

Assim sendo, abordo na primeira parte deste texto algumas percepções sobre o uniforme escolar, trazendo um breve apanhado histórico, bem como seu papel no processo de construção social de um indivíduo. Com isso, a fala de Kogawa deixa claro um ponto relevante para a obtenção de reflexões contundentes sobre tal questão, ele diz que “é impossível falar sobre um objeto sem passar pelo que já foi dito sobre esse mesmo objeto e sem se deixar influenciar pela expectativa das respostas que serão suscitadas pelo dizer” (2015, p.59). Igualmente, mesmo com controvérsias, os discursos aqui apresentados reproduzem de maneira bastante subjetiva, alusões de obrigatoriedade sobre o uso do uniforme escolar e do ensino.

Adiante, trago uma discussão sobre a relação entre a escola e as redes sociais, na tentativa de alocar uma justificativa para as reflexões em questão. Pluschkat diz que “um dos modelos em voga atualmente de se relacionar é por meio de redes sociais (*Facebook, Instagram, LinkedIn*, entre outras)” (2015, p. 16) e estes se fazem presentes na escola. São abundantes as possibilidades dialógicas nas redes, alunos permanecem *on line* (conectados) interagindo uns com os outros a todo tempo e isso não se restringe somente a eles. Os educadores estão cada vez mais caminhando lado a lado as novas tecnologias e redes sociais. Portanto, é sob este prisma que procuro apresentar esta relação, olhando para a esfera virtual a partir da esfera escolar e vice-versa, considerando bakhtinianamente a pertinência desta relação.

E antes de apresentar minhas últimas considerações neste estudo, apresento o recorte da materialidade que enunciou questões de valores relacionadas ao uso do uniforme escolar, bem como a análise dessas materialidades.

O caminho escolhido para este texto é trilhado a partir da Análise Dialógica do Discurso, corrente teórico-metodológica contemplada nos estudos bakhtinianos aqui no Brasil. Brait diz que “a pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e interdefinem” (2006, p. 29) e essas situações por muito são carregadas de subversões e questionamentos.

Neste sentido, apresento um processo permeado por conflitos e tensões, e investigá-lo pelas vias do discurso me possibilita apresentar essas altercações na perspectiva bakhtiniana, pois, trata-se de um assunto que há tempos se faz presente nos espaços escolares brasileiros e que carrega um apanhado de contradições e dizeres, e historicamente provoca discursos valorativos sobre seu uso, o uniforme escolar. Segundo Faraco, “todo dizer é, assim, parte integrante de uma discussão cultural (axiológica) em grande escala: ele responde ao já dito, refuta, confirma, antecipa respostas e objeções potenciais, procura apoio etc.” (2009, p. 59)

A questão do uso do uniforme escolar está intrínseca a normas e regimentos estabelecidos por várias instituições de ensino públicas e da iniciativa privada. De acordo com a história, o uniforme escolar foi adotado no Brasil, pelas instituições de ensino desde meados do século XVIII, como no curso de formação de professores da antiga Escola Normal, contudo, sua utilização iniciou-se no sistema militar para distinguir os soldados dos civis.

Outro fato sobre, é que entre as décadas de 1940 e 1980, o uniforme tinha um caráter que ia além da distinção ou identificação do estudante, ele servia como uma identidade, como um signo do contexto social e cultural de renomadas escolas e era muito cultuado por alunos e principalmente por seus responsáveis, pois, se tornara sinônimo de rendimento escolar satisfatório, boa conduta e desenvolvimento educacional a partir do ingresso nessas instituições. Em suma, o uniforme em uma perspectiva histórica, passou a fazer parte não só das vestimentas dos estudantes, mas, tornou-se parte integrante de um ajuntamento de valorações que trazem consigo contraposições e causa até os dias de hoje sentidos imprecisos sobre seu uso.

O uniforme é um componente estético e característico do estudante e faz parte do cotidiano da escola. Ribeiro diz que “dentro um conjunto de elementos materiais que compõem a escola e sua cultura está o uniforme, materialidade (...) concebida como um dos elementos constitutivos da cultura escolar” (2012, p. 577), todavia, a escola é um ponto de convergência sociocultural, que recebe e reflete diferenças históricas e sociais dos estudantes, bem como tem em sua essência a idéia de valorização da diversidade e é parte fundamental do

processo de construção social dos estudantes. Neste sentido, trago em questão o significado da palavra “uniforme”, para explicar algo controverso neste cenário.

Uniforme de uni-forma: “que tem uma só forma; igual, invariável” (LUFT, 2000, p. 660) semelhante ou idêntica. Essas definições trazem a mim uma alusão de que ao utilizarem tal vestuário, os estudantes estarão em um mesmo plano visual, que de certa forma possibilita o reconhecimento dos sujeitos na escola ou em qualquer outro lugar que estejam uniformizados.

Tendo em vista que muitas pessoas se identificam e se relacionam a partir de costumes, modos e tendências, inclusive pelo vestuário, os estudantes não se extinguem deste quadro, mas se alocaem muitas vezes nas chamadas *tribos urbanas*², as também conhecidas subsociedades, e estabelecem pequenos grupos de amigos por afinidades pessoais, estilos de vida e ideologias dentro e fora da escola. No geral, fala-se que uniforme não comporta dentro de um coletivo esta organização, pois, o estudante não é visto em sua unicidade, e sim como mais um no aglomerado. O que se torna mais dificultoso para os mais jovens, que normalmente passam por um período de significações de ser no mundo e lidam com percepções a respeito de relações que por muito estão conectadas a conjuntos de valores.

Além disso, a escola como parte integrante do processo de significação do sujeito, é um importante espaço para processo de construção social, mas, o uniforme escolar pode integrar um fluxo inverso dessa idéia, o de (des) construção social a partir de seu uso. Assim sendo, Eco discorre sobre o vestuário e coloca uma questão pertinente:

a linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas. Serve também para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para os transmitir. (1982, p. 17)

Portanto, essas questões passam por um viés de ressignificação do processo de construção social e condiciona o estudante a um sistema de idéias que passam pela ordem estabelecida e organização transmitida pela escola ao longo do tempo. E, ao mesmo tempo em que pode definir o lugar do sujeito na esfera escolar, o uniforme, integrante de um conjunto de materialidades do estudante, também estabelece contraposições axiológicas e refuta muitas

² O conceito de “tribo urbana” surge pela primeira vez em 1985 com o sociólogo Michel Maffesoli, referindo-se à criação de pequenos grupos cujos elementos se unem por partilharem os mesmos princípios, ideais, gostos musicais ou estéticos que assumem a sua máxima expressão e visibilidade na adolescência. Estas tribos surgiram num esforço de diferenciação dos jovens e evocam particularidades que as distinguem do resto da sociedade e que as identificam.

vezes pensamentos sobre a singularidade entre eles. No entanto, o fato é que o uniforme faz parte do cotidiano de inúmeras escolas e possui a partir de seu uso algumas ressalvas que considero relevantes para esta discussão.

Existem episódios questionáveis que expõem estudantes a valores de consumo que por muito são distorcidos, reforçando sentidos de inferioridade ou de vaidade extrema na ausência do uniforme escolar. Já com seu uso, os riscos são menores, pois, colocam todos em contexto de igualdade, minimizando fragmentos que possam identificar um poder aquisitivo maior ou menor entre os estudantes. Apesar, que acessórios, componentes da vestimenta (relógios, brincos, bonés, tênis, etc.) ou objetos portáteis (celulares, smartphones, bolsas, materiais escolares, etc.) não fazem parte desta vestimenta e se apresentam como itens que mostram visualmente o poder aquisitivo de determinados estudantes.

Logo, essas contraposições existem e desvelam-se em formas de enunciados e “todo enunciado emerge sempre e necessariamente num contexto cultural, saturado de significados e valores e é sempre um ato responsivo, isto é, uma tomada de posição neste contexto.” (FARACO, 2009, p. 25) Em seguida, vejo aí um ensejo para a análise da materialidade em questão. O enunciado publicado na rede social Facebook que teve como foco um intrincado diálogo a respeito do uso do uniforme escolar, que repleto de questionamentos, gerou um complexo de forças e polêmicas.

Deste modo, direciono este texto para uma discussão sobre a relação entre escola e as redes sociais em perspectiva dialógica. Essa discussão se justifica pelo fato dos discursos terem surgido na esfera virtual e por estarem conectados a questões de valores instituídos na esfera escolar. Esse diálogo me faz pensar nas relações que este processo pode desenvolver, proporcionando assim um aprofundamento teórico nessas esferas de discurso.

2 ESCOLA E REDES SOCIAIS: ESFERAS DE DISCURSO

Nesta etapa, discorro sobre a escola e as redes sociais em perspectiva dialógica, visando apontar algumas questões engendradas em suas esferas. Apresento um diálogo entre a esfera escolar e a esfera virtual, que na perspectiva em questão, aparecem como *esferas de discurso*. Estas se alocam como campos de diálogos, de influência recíproca, de conflitos, de tensões mútuas, de linguagens, de entretenimento e são características de interações entre sujeitos, logo, ambas também são espaços de conhecimento e fazem parte do processo de evolução da sociedade.

Neste sentido, a esfera escolar integra de maneira ativa este processo de evolução, pois, se conecta a um complexo de informações e de conhecimentos organizados a partir das

relações socioculturais que esta esfera proporciona. Além disso, os estudantes estão, antes de tudo, inseridos na escola para apreenderem saberes considerados necessários para a constituição de um indivíduo na sociedade, tais como: “domínio das linguagens, das quantidades, da natureza, da ciência, da tecnologia, do espaço, do tempo, do corpo, da transcendência, da arte, etc.” (VASCONCELLOS, 2016, p. 04)

A esfera escolar é um ambiente natural na sociedade contemporânea, faz parte do contexto sociocultural do estudante e sem dúvida é um espaço de relações e diálogos, e isso “não se dão apenas com os outros, mas se dão no mundo, com o mundo e pelo mundo” (FREIRE, 1979, p. 30), colocando assim seus indivíduos, em um processo mediado de significação no mundo. Segundo Faraco, “todas as nossas relações com nossas condições de existência – com nosso ambiente natural e contextos sociais – só ocorrem semióticamente mediadas. Vivemos, de fato, num mundo de linguagens, signos e significações.” (2009, p. 49)

Logo, a esfera virtual coloca-se como um espaço especificamente dialógico que combina na virtualidade, diversas formas de comunicação por meio dos sites, redes sociais, entre outros. E a partir disso, reproduzem e comunicam virtualmente signos da realidade. Neste sentido, Machado explana uma questão pertinente para esta discussão, dizendo que é possível recorrer às formulações bakhtinianas sobre os gêneros do discurso, e explica que isso pode ocorrer

no contexto das interações de uma cultura dialogicizada não apenas pela palavra, mas por linguagens da comunicação, seja dos ritos ou das mediações tecnológicas. Afinal, ao refletir sobre o diálogo como forma elementar da comunicação, Bakhtin valorizou, indistintamente, esferas de usos da linguagem que não estão circunscritas aos limites de um único meio. Com isso, abriu caminho para as realizações que estão além dos domínios da voz como, por exemplo, os meios de comunicação de massa ou as mídias eletrônico-digitais. Meios, evidentemente, não estudados por ele. (2014, p. 163)

Mas que indiscutivelmente possuem ações e motes a serem investigados na perspectiva bakhtiniana, pois, trazem consigo possibilidades dialógicas. Todavia, me detenho na esfera virtual, apenas falando das redes sociais como esferas dialógicas, pois, “podemos pensar em uma correlação com o pensamento bakhtiniano de que as redes sociais são interações que nos alteram e nos constituem por meio da linguagem virtual.” (PLUSHKAT, 2015, p. 19) Não que os outros componentes virtuais não estejam vinculados a isso e não tenham sua importância discursiva no contexto aqui apresentado, mas, por uma questão organizacional.

De fato é relevante esta discussão, por se tratar da relação entre duas esferas discursivas. A escola como espaço de ensino, aprendizagem, (re) conhecimento, significações,

descobertas, fruições, vivências, conflitos e tensões; e as redes sociais como espaços amplos e organizados de informações e enunciados, com suas possibilidades de interações entre indivíduos, de manifestações discursivas e de responsividade mútua.

As redes ajustam uma torrente gama de possibilidades discursivas, e tanto os estudantes quanto educadores permanecem conectados as redes sociais, enunciando questões presentes em seus cotidianos. Esses enunciados se materializam na forma de publicações, que no caso abordado neste texto, se concretizou na rede social Facebook, gerando um debate axiologicamente discursivo. Plushkat diz que “no *Facebook*, a linguagem é de multiplicidade”, e completa dizendo:

Vemos imagens e lemos textos que expõem o dia-a-dia da vida de cada usuário contando a tessitura de suas histórias. Também, opiniões a favor ou contra assuntos polêmicos efervescem a *timeline* em períodos decisivos ou de grandes acontecimentos. É um espaço-tempo de diálogos como também uma circulação de conhecimentos heterogêneos. E tudo isto sem estarmos frente ao nosso interlocutor ou muitas vezes sem nunca termos tido ele em nossas relações reais, fora da rede. (*Ibidem*, p. 26)

Bakhtin diz que “o enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada de alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro” (2003, p. 275) e tanto o Facebook quanto outras redes são ajuntamentos alternantes que replicam a palavra do outro, pois, atrás das imagens, dos vídeos, das publicações, “atrás do texto há sempre um sujeito, uma visão de mundo, um universo de valores com que se interage” (FARACO, 2009, p. 43), com que se reproduzem axiologicamente, equivalentemente, vozes transmitidas ao longo do tempo.

A escola acompanha essa conjuntura de vozes, tendo em vista que seus sujeitos interagem e se constituem a partir das relações que ali acontece. A relação professor/estudante, também ocorre nas redes, mas, ainda assim, a relação escola/sujeito direciona um reconhecimento da unicidade do estudante na esfera escolar. Do mesmo modo, os discursos compilados no Facebook se justificam, na medida em que o uniforme escolar passa a dar sentido ao processo de constituição do estudante na escola, pois, este está intrínseco na relação escola/sujeito.

Esses discursos, iniciados por uma educadora e refletidos na esfera virtual, surgiram em meio a um jogo de vozes da esfera escolar, onde as interações acontecem face a face, no real, fora da virtualidade. Portanto, essas interações precisam estar organizadas como arranjos socioideológicos, produzidas por “seres socialmente organizados, situados e agindo num complexo quadro de relações socioculturais, no interior do qual se manifestam relações

dialógicas (no sentido bakhtiniano da expressão).” (FARACO, 2009, p. 65) E considerando as palavras citadas anteriormente, de Plushkat (2015), essas relações efervesceram a rede e passaram, indiferentemente, se a favor ou contra, a ter caráter valorativo e responsivo da questão.

Conseqüentemente, os interlocutores ao se expressarem com discursos axiológicos e historicamente constituídos na esfera escolar, procuraram dar respostas à questão do uso do uniforme. Portanto, as materialidades devem ser analisadas a partir do processo dialógico que as compõem,

dos embates e tensões que lhe são inerentes, das particularidades da natureza de seus planos de expressão, das esferas em que circula e do fato que ostenta, necessariamente, a assinatura de um sujeito, individual ou coletivo, constituído por discursos históricos, sociais e culturais. (BRAIT, 2012, p. 88)

Logo, o estudo se organizou com vistas no processo dialógico que constituiu essa materialidade, a partir de discursos que enunciaram um intrincado embate a respeito do uniforme escolar.

3 ANÁLISE DE DISCURSOS

Especifico minha pretensão em analisar discursos sobre o uniforme escolar por vias bakhtinianas, visando especificamente apreender o que ocorre no diálogo constituído na esfera virtual, a partir da esfera escolar. Não pretendo dar conta do acontecimento virtual ou escolar ao discutir por meio da Análise Dialógica do Discurso essas duas esferas, mas, viso a partir desse lugar teórico reconstituir um processo discursivo instalado nas redes sociais e como seus enunciados se constituíram diante deste cenário.

É crescente o interesse em investigar por vias bakhtinianas, relações dialógicas nas mais diversas esferas de uso da linguagem, com as mais distintas materialidades enunciativas. Seja na escola, seja nas redes sociais, as relações dialógicas se presenciam na medida em que acontecem as interações entre sujeitos. Em virtude do pensamento bakhtiniano, entendo que não exista outra maneira de acessar o pensamento do outro sem recorrer às interações em que este esteja inserido, e nesta perspectiva, as esferas em questão se alteram e se completam a partir dessas interações, visto que, enunciados indagam e respondem discursiva e valorativamente o pensamento de um sujeito. Segundo Bakhtin, “o discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir.” (2003, p. 274)

Assim, a contribuição ADD está exatamente nas possibilidades de análise dessas interações, o que ocorrem dialogicamente nelas e como são constituídos seus enunciados. Faraco explica que “o Círculo de Bakhtin se ocupa não com o diálogo em si, mas com o que ocorre nele, isto é, com o complexo de forças que nele atua e condiciona a forma e as significações do que é dito ali.” (2009, p. 61) Deste modo, analiso uma materialidade que reverbera e enuncia questões relacionadas ao uso do uniforme escolar, estas retiradas em print screen do Facebook.

Justifico que foram alterados os nomes dos educadores por cores, para dar maior isonomia ao trabalho. Essas cores foram ordenadas aleatoriamente e servem apenas para preservar a identidade das pessoas em questão.

Foi selecionado um recorte que aponta discursos axiologicamente constituídos sobre o uniforme escolar. A materialidade apresenta um discurso construído a partir de parâmetros legais, marca uma analogia sobre o uniforme e coloca em evidência questionamentos sobre a formação de indivíduos na esfera escolar a partir de seu uso, em seguida, enuncia-se responsivamente uma contraversão a essa materialidade, que constituída do mesmo modo, coloca em processo de ajuizamento o discurso da educadora.

Esse ajuntamento enunciativo me faz ver bakhtinianamente que os discursos dessa materialidade reverberam enunciados de outros lugares além dos analisados aqui, ou seja, o enunciado de partida ajusta possibilidades para outras interpretações se pensado da conjunção em que se coloca, pois, liga um discurso a outros discursos, estabelecendo uma interdependência responsiva entre eles. Esses lugares apontam para configurações sobre as funções e demandas da escola no processo de constituição do sujeito.

A educadora, ao enunciar, projeta seu discurso a um receptor e, este por sua vez, enuncia de outros lugares seu entrosamento ou oposição com a questão.

Essa é uma questão controversa e inexistente lei nacional sobre o assunto, restando aos sistemas de ensino (federal, estadual e municipal) disciplinarem o tema. Por um lado, se a escola incluir esse item em seu regimento interno, por deliberação do conselho escolar, e se o Poder Público fornecer as peças gratuitamente a todos os estudantes, há a possibilidade de defender o uso obrigatório da vestimenta. De outro, o direito de acesso à Educação e a obrigatoriedade escolar (Constituição Federal, art. 20, incisos I e II e art. 208, §1º) são considerados mais importantes do que qualquer deliberação da escola ou lei estadual ou municipal. Logo, nenhum argumento pode sobrepor o direito ao ensino. Para além das leis, há outras reflexões possíveis: o que significa, num projeto de formação de indivíduos, a adoção de "uni-forme" (forma única), quando se pretende respeitar e valorizar a diversidade? Ele interfere positivamente nas atividades pedagógicas? Os uniformes são usados nos exércitos, conventos e presídios, locais em que a identidade das pessoas importa pouco e o essencial é despir seus membros de vontades e ideias próprias. Qual a necessidade de as escolas se parecerem com essas instituições?

👍 Curtir 💬 Comentar ➦ Compartilhar



outras 40 pessoas

Prof.º [redacted]
Bom dia querida [redacted], lendo seu comentário, estou tentando fazer uma reflexão, qual o intuito disso: de todo tempo que entrei para o ensino público, desde os meus primórdios, lá do ensino fundamental, quando ainda era estudante e depois quando me tornei um docente da rede pública, o uso do uniforme é uma prática adotada em praticamente todas as instituições de ensino conhecidas, tanto municipal quanto estadual (pela história isso a mais de 100 anos). Essa prática visa manter a organização, a própria segurança dos alunos no traslado até o colégio, e é uma prática adotada até mesmo antes de você nascer eu acredito. Sem contar que com isso temos uma forma de manter a própria igualdade dentro do espaço escolar, questões de identidade dos alunos não se modificam por conta das suas vestimentas (no espaço escolar, pois o aluno vem para APRENDER, não fazer desfile de moda), afinal o respeito. O traje do uniforme serve como uma forma de eles se respeitarem e não virem como quiserem. Agora já pensou se eles viessem sem o uniforme, não poderíamos controlar o uso de roupas que poderiam causar situações constrangedoras e você sabe muito bem disso. Então não vá contra um princípio adotado a muitos anos, se baseando em leis, tentando modificar um acordo já estabelecido. Ajude a sua escola a se tornar um espaço organizado e não contra ela! Como a querida [redacted] disse, sugira uma forma que possa ser adotada por todos e que caiba no bolso de todos. Minha opinião beijinhos.

19 de mar às 8:38 AM • Editado • Curtir • 21
• Responder

Fonte: Facebook, 19/03/2016

E saber para quem se direciona ou qual a influência de quem recebe o enunciado, segundo Brait:

ajudam, da perspectiva bakhtiniana, a compreender a composição e o estilo dos enunciados, apontando, tanto quanto os traços de autoria, para o que há de extraverbal na constituição do verbal. (...) Esses aspectos fazem muita diferença no sentido de conceber, por exemplo, marcas enunciativas como discursivas, ou seja, não apenas as deixadas verbalmente no enunciado, mas marcas da enunciação de um sujeito, de um lugar histórico e social, de uma posição discursiva, que circula entre discursos e faz circular discursos. (2014, p. 72)

Essa fala deixa claro que o interesse da ADD não é analisar somente o fragmento, e sim, as questões extraverbais do todo enunciativo. Neste sentido, as relações dialógicas da materialidade analisada, se deram pelas vias do outro, para o outro e com o outro.

A esfera virtual como esfera do discurso é de caráter mais subjetivo e coloca-se nesta perspectiva como um meio de comunicação mutável, que concebe marcas enunciativas, mas, estas podem se alterar discursivamente a partir de seus interlocutores. O interlocutor é o sujeito do enunciado, e é por ele em relação com o outro, que de maneira responsiva expressa seu posicionamento axiológico sobre um determinado assunto. Tal questão se enuncia no introdutório discurso da materialidade, quando a educadora diz que *o direito de acesso à*

Educação e a obrigatoriedade escolar (...) são considerados mais importantes do que qualquer deliberação da escola ou lei estadual ou municipal.

Deste modo, seu posicionamento social transpassa o questionamento a respeito do uso do uniforme escolar e indica uma avaliação valorativa sobre o direito de acesso à educação e sua obrigatoriedade, colocando maior pertinência para esta questão a partir de uma lei. E isso se confirma quando ela diz que *nenhum argumento pode sobrepor o direito ao ensino*. Contudo, esse é um fragmento do discurso da educadora, e seu sentido depende da relação com o todo, ou seja, ela usa um texto (lei) já estabelecido para complementar seu todo discursivo. Bakhtin diz que “é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva.” (2003, p. 297)

Adiante, a educadora abre seu discurso a outros questionamentos sobre o uniforme escolar e apresenta novamente seu posicionamento valorativo sobre seu uso. Logo, ao relacionar o uniforme a partir de seu significado, ao respeito e valorização da diversidade, ela coloca em destaque um processo tenso permeado de significações, o de construção social. Este processo acontece a partir do lugar do sujeito no mundo, e este se constitui na relação com o outro.

Portanto, a *diversidade* em questão sugere a partir dessa relação uma contraposição à *forma única*, provocando assim uma dicotomia sobre o uniforme escolar. No sentido bakhtiniano da questão, o sujeito é totalmente social, assim, tende a rejeitar um sistema que o aloque igualmente em uma determinada esfera.

Assim sendo, entendo que o estudante ao estar em um mesmo plano visual a partir da vestimenta escolar com os outros estudantes, a relação entre eles não se extingue, mas, se altera na medida em que esta passa pelas vias da normatividade imperativa no espaço escolar. Que é exatamente a forma como a educadora coloca o uniforme na escola em questão. Ela se contrapõe ao sistema imperativo já instituído em assembléia pela comunidade escolar e que consta em anexo ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola.

Para tanto, ao questionar se o uniforme *interfere positivamente nas atividades pedagógicas?*, a educadora provavelmente mostra-se preocupada com o desenvolvimento pedagógico dos estudantes, todavia, ao utilizar a palavra “positivamente”, ela coloca em evidência que o processo educativo deve ser sempre positivo, algo bastante tendencioso diga-

se de passagem, pois, o sistema educacional encontra-se em constante mudança e nem sempre alcança o esperado, um processo sempre positivo. De qualquer forma, ela como educadora e enunciativa está determinada precisamente a uma compreensão ativamente responsiva, visto que não espera um entendimento passivo, ou seja, que apenas repita seu posicionamento, mas aguarda uma resposta, uma concordância, uma participação, uma oposição ou uma execução à sua voz. (BAKHTIN, 2003)

De fato seu posicionamento é relevante para a esfera escolar, contudo, a comparação com *exércitos, conventos e presídios* provoca um ensejo para uma nova discussão sobre o formato educacional brasileiro. Mas, essa relação não serve como justificativa para esta análise.

Essas esferas, assim como a escolar e a virtual, são espaços de relações e por mais veladas que sejam as identidades de seus sujeitos, estes ainda possuem vontades e idéias próprias, e são capazes de enunciar suas realidades. A distinção entre todas, está na substancialidade discursiva, pois, todas são passíveis de relações e ideais. E nestes casos, a posição ativamente responsiva mantém-se viva, pois, seus sujeitos ainda possuem a possibilidade de concordar ou discordar de qualquer posicionamento, por mais que não possuam noções a respeito dessa substancialidade ou que estejam engessados a um sistema constituído por valores.

No exército, o soldado é passível de defesa ou desamparo; no convento, a freira é passível de fé ou incerteza; no presídio, o detento é passível de transgressão ou liberdade; ambas são passíveis de enunciados e discursos axiologicamente constituídos e passam pelas vias da cultura e da linguagem. Portanto, a vestimenta pouco importa nesses casos, visto que seus sujeitos ainda são sujeitos discursivos e sociais, e por mais que sejam guiados pela imperatividade, possuem a capacidade de enunciar. Bakhtinianamente, este fragmento do enunciado da educadora, afeta a essência do todo discursivo, pois coloca em segundo plano o papel comunicativo de cada sujeito e indica um posicionamento moralista. Bakhtin diz que:

Se meu ato é guiado pelo imperativo como tal, avalia imediatamente seus objetos nas categorias do bem e do mal (excluindo por via puramente técnica a série cultural dos juízos de valor), ou seja, é um ato propriamente moral; neste caso, meu reflexo e meu informe sobre ele começam a determinar também a mim, abrangem a minha determinidade. (*Ibidem*, p. 130)

Esta comparação é especificamente subjetiva e moral, e acompanha um último questionamento: *Qual a necessidade de as escolas se parecerem com essas instituições?* Aqui, a educadora “termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua

compreensão ativamente responsiva” (*Ibidem*, p. 275), mas antes clareia seu posicionamento com a questão, pois, enuncia ali que a escola já se parece com exércitos, conventos e presídios, e aguarda uma resposta.

E esta, vem constituída no mesmo cenário e se contrapõe a partir dos mesmos parâmetros discursivos, ou seja, o educador fala da esfera escolar na esfera virtual e direciona seu entendimento a um julgamento sobre o posicionamento da educadora. Ele inicia com um apanhado histórico sobre sua própria vivência escolar e sobre o uso do uniforme. Isso coloca seu discurso em processo de justificativa sobre seu posicionamento, aliás, ao afirmar que o uso do uniforme é uma *prática*, ele, assim como a educadora, aloca a idéia de construção social, pois, todo processo de constituição de um sujeito passa pelas práticas cotidianas e o uso do uniforme escolar, segundo este educador, é uma prática secular. Portanto, uma prática sociocultural da escola, não por ser secular, mas, por fazer parte das vivências escolares.

Logo, os discursos propõem questões organizacionais sobre o uso do uniforme, e o educador enfatiza dizendo que: *com isso temos uma forma de manter a própria igualdade dentro do espaço escolar, questões de identidade dos alunos não se modificam por conta de suas vestimentas(no espaço escolar, pois o aluno vem para APRENDER, não fazer desfile de moda), afinal o respeito.*

Apesar da falta de coesão no texto, o educador mostra-se disposto a defender seu posicionamento. O que antes foi defendido pela educadora sobre a *diversidade* nos espaços escolares, o educador sustenta a idéia de *igualdade*, que não é o mesmo que *forma única*. Tanto a diversidade quanto a igualdade são defendidas social e axiologicamente, mas ambas devem ser contempladas no espaço escolar e neste diálogo encontra um obstáculo enunciativo, o uniforme.

Ao enunciar em letras maiúsculas a palavra “APRENDER”, o educador concorda ao discordar da educadora em seu todo discursivo, ou seja, ele coloca maior pertinência ao ensino, como fez à educadora. Isso se mostra bakhtinianamente como atos de responsividade mútua. E como já dito aqui, estes atos são sempre carregados de significações e valores. Stella diz que:

são esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor. A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como um produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva. (2014, p. 178)

A responsividade mútua é corroborada a todo tempo nos discursos de ambos e independente das contraposições, dialogam, originando uma interdependência discursiva de

ambas as partes. Em uma de suas colocações, o educador recorre ao discurso de outra educadora, confirmando a necessidade de correlação entre enunciados ou de interação discursiva entre sujeitos. No geral, os dois sujeitos fazem parte do mesmo lugar enunciativo e enunciam na mesma esfera, contudo, Faraco diz que “nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Assim, ele não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques” (2009, p. 84), e tanto a Esfera Escolar e quanto a Esfera Virtual são passíveis de encontros e embates.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A entrada da esfera escolar na esfera virtual favoreceu para este estudo um olhar sobre duas esferas de discurso, sob uma mesma perspectiva. Os enunciados imbricaram posicionamentos axiologicamente constituídos sobre o uso do uniforme escolar, mas, os anseios impregnados neste esboço teórico de análise transpassaram questões de valores e apresentou bakhtinianamente uma essência inteiramente discursiva sobre as funções da escola e da virtualidade.

Ao discutir nas redes sociais, um indivíduo deixa em evidência para o mundo, seu posicionamento social, e este, faz da gama enunciativa contemplada nesta esfera um mote de possibilidades de análises. Essa ligação posta pela educadora, inconscientemente, entre escola e virtualidade, faz dos enunciados sobre o uniforme escolar um pano de fundo para a Análise Dialógica do Discurso, pois, indiferentemente da responsividade mútua desencadeada na rede, o entendimento sobre o que ocorre dialogicamente nas relações entre sujeitos é o que fundamenta e constitui uma pesquisa na perspectiva bakhtiniana.

A discussão sobre o uso ou não uso do uniforme escolar não se esgota, pois, não só esta vestimenta, mas, muitos outros signos e práticas do cotidiano escolar são passíveis de análise e merecem atenção da academia. Todavia, o caminho escolhido para este estudo, direcionou olhares para uma materialidade carregada de contrapontos, mas, que despertou em mim o anseio em enxergar a partir da esfera escolar manifestações discursivas correlacionadas em seu meio. E o arremate deste estudo está em corroborar as possibilidades de análise que as esferas de discurso proporcionam.

Mas, para direcionar este texto a uma conclusão, apreendo que o posicionamento dos educadores sobre o uniforme enfatiza uma neutralidade desta vestimenta, quando postos em avaliações axiológicas as obrigações, deveres, direcionamentos e idéias de controle do outro

na esfera escolar, assim, o uniforme serviu nesta perspectiva como o mobilizador das tensões e do embate, e não como um componente escolar que visa *despir de vontades e ideias próprias* os estudantes ou apenas *serve como uma forma de eles se respeitarem e não virem como eles quiserem* para a escola. O estopim discursivo foi o uniforme, mas, as palavras de ambos educadores estão impregnadas de conceitos de valores e julgamentos constituídos ao longo do tempo.

Bakhtin diz que “não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (2003, p. 410), para tanto, seja sobre o uniforme, sobre o uso das novas tecnologias, das redes sociais, do quadro negro, sobre a utilização do giz, sobre o laicismo, sobre leis, sobre as várias formas e práticas pedagógicas ou qualquer outro mote enunciativo da esfera escolar, o contexto dialógico estará impregnado de posicionamentos axiológicos e contrapontos discursivos que voltarão ao passado sempre que necessitarem para a justificativa do presente e do futuro.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail – **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin ; introdução e tradução do russo Paulo Bezerra ; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. – 4ª ed. – São Paulo : Martins Fontes, 2003.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRAIT, Beth. Construção coletiva da perspectiva dialógica: História e alcance metodológico. In: FÍGARO, R. (org) - **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

BRATI, Beth; MELO, Rosineide de - Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014.

ECO, Umberto; (et. al.) – **Psicologia do Vestir** – tradução de José Colaço; Cooperativa Editora e Livreira, Scarl / 2ª Ed. – Lisboa/Portugal, 1985.

FARACO, Carlos Alberto – **Linguagem & diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin** / Carlos Alberto Faraco. – Parábola Editorial, São Paulo, 2009.

FREIRE, Paulo – **Educação e mudança** / Paulo Freire, tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KOGAWA, João Marcos Matheus; MAGALHÃES, Anderson Salvaterra – **Notas sobre uma estética do trauma no Brasil** – Revista Bakhtiniana, São Paulo, 10 (2): 54-72, Maio/Ago. 2015.

LUFT, Celso Pedro, (1921) – **Minidicionário Luft** – colaboradores Francisco de Assis Barbosa, Manuel da Cunha Pereira; organização e supervisão Lya Luft – Ática, São Paulo, 2000.

MACHADO, Irene A. – Gêneros discursivos – In.: **Bakhtin: conceitos-chave** / organização: Beth Brait. 5. ed.; p.151-166 – Contexto: São Paulo, 2014.

MACHADO, Irene A. – Os Gêneros e o Corpo do Acabamento Estético – In.: **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido** / organização: Beth Brait. – 2ª ed. rev. – Editora da Unicamp, Campinas/SP, 2005.

PLUSCHKAT, Patrícia - **Produção cênica: sentidos da formação universitária por olhares discentes na rede social facebook** / Patricia Pluschkat – Curitiba, 2015.

RIBEIRO, Ivanir; SILVA, Vera Lucia Gaspar – **Das materialidade da escola: o uniforme escolar** – v. 38, n. 03, p. 575-588 - Educação e Pesquisa, São Paulo, 2012.

SOUZA, Helena Sofia Martins; FONSECA, Paula - **As Tribos Urbanas as de Ontem até às de Hoje** – p. 209-214 / Nascer e Crescer 2009.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos - **Grandes Alegrias da Docência**. In: **Gestão da Sala de Aula**. São Paulo: Libertad, 2016 (no prelo).